

3 de Dezembro

Sonhei que, numa biblioteca pertencente a uma igreja, encontrava dois tipos de livros de fotografias: um em que algumas pessoas apareciam «cortadas» a marcador e um outro, semelhante ao primeiro, mas em que as pessoas anteriormente «cortadas» já não existiam de facto. O primeiro era o livro «real», o segundo era o censurado, como naquelas fotografias do antigo regime soviético em que, *a posteriori*, tudo era composto de acordo com a «verdade» que se pretendia veicular, desaparecendo qualquer personagem que entretanto se tivesse tornado *persona non grata*. Assustadora, a comparação da igreja com o anterior regime soviético. De um lado e do outro, o mesmo interesse em falsear a história, as histórias das pessoas, para que tudo bata certo com a «doutrina». Perde-se a realidade, mas não interessa: bate tudo certo com a teoria. A verdadeira história, essa, é apagada. Alguém se divorciou e voltou a casar? Está em pecado. Alguém ajudou outra a matar-se por se encontrar num sofrimento físico irreversível e irreparável? Deve ser condenada. Abortou? É uma assassina de bebés. Por isso, quando algumas vezes penso em igreja, a imagem que me ocorre é a de uma série de bispos e cardeais alinhados e pomposos, tipo figuras de museu de cera, fiéis servidores de uma qualquer inquisição.

4 de Dezembro

Há dias em que me sinto tão cansada e desamparada que me apetecia apenas estar numa praia deserta vendo o pôr-do-sol repetir-se várias vezes, como naquele dia em que, estando numa tristeza de morte, o Príncipezinho de Exupéry o contemplou também repetidamente.

Cansaço, cansaço e cansaço. Cansaço e tristeza. Cansaço e tristeza por a vida me ter saído tão «curta». Cansaço e tristeza pela incompreensão. Pelos juízos injustos. Pela falta de alegria de tanta gente. Pelo seu sofrimento. Pela religião metida numa camisa de forças patriarcal. Pelos pais e mães que não gostam das filhas e filhos. Pelas

flores que perdem as suas pétalas. Pelas árvores que ficam sem folhas no Inverno. Pela cachorrinha que tive de pedir para ser eutanasiada por estar a morrer de sufocação. Pela terra sem água para produzir. Pelo mar a cheirar a petróleo. Pelas matas que ardem aos hectares. Pelas mulheres que abortam em sufoco de alma. Pelos peixes dos rios que morrem com a nossa poluição. Pela ganância. Pela estupidez. Pela morte daqueles a quem amamos e a quem nunca mais estreitaremos nos braços.

5 de Dezembro

Em 1998, irritada mais uma vez com certos ambientes universitários, escrevi um texto para o *Ciberkiosk* intitulado «Mentiras de uma mãe a uma filha que quer seguir a carreira universitária» (www.ciberkiosk.pt/arquivo/ciberkiosk1/index.html). Partindo da letra de uma canção de Serge Reggiani, *Les mensonges d'un père à son fils*, inventara um diálogo até certo ponto semelhante entre uma mãe e uma filha, mas desta vez acerca da carreira universitária. A este respeito três observações. Em primeiro lugar, o facto de o meu «chefe» da altura ter considerado que, para escrever um texto daqueles, eu tinha de estar doente. Penso que terá sido decerto por essa altura que entrei em desgraça junto dele. Em segundo lugar, o facto de várias e vários colegas, sobretudo de outras universidades, me terem felicitado pela coragem do escrito. Em terceiro lugar, o facto de, muito tempo mais tarde, tendo o texto aparecido num dos *sites* de um sindicato do ensino superior, ter recebido uma reacção muito simpática por parte de um colega de outra universidade, que considerava um grande avanço para a instituição eu ter podido publicar aquilo sem represálias. Mal ele sabia!...

Para não me esquecer, vou transpor para aqui a parte final do texto.

«Verás também, pequena Joana, como a universidade é o lugar da razoabilidade e de um certo equilíbrio psíquico. As trocas de

ideias entre colegas são o habitual, as críticas bem aceites e discutidas sem virar costas e sem ressentimento, a ajuda mútua um princípio inabalável por que todos querem pautar o seu comportamento. E quando, num procedimento muito fora do comum, alguém é atacado injustamente, não deixa de ser consolador ver a solidariedade que então se gera, pois toda a gente tem consciência de que um elemento isolado se encontra muito mais vulnerável e, por isso mesmo, sente a obrigação de o proteger. Lembra-te daquela história supostamente ocorrida na Alemanha de Hitler, em que finalmente os nazis vêm prender o indivíduo que sempre se abstera de protestar contra a prisão de inocentes? Quando começaram a prender os judeus, dissera: “Eu não sou judeu. Não tenho nada que ver com o assunto. Logo, também não tenho nada que protestar”. Sucessivamente, dissera algo de parecido quando começaram a prender os comunistas, os ciganos, os homossexuais, etc, etc. Finalmente, vêm prendê-lo a ele mesmo. Desgraça suprema: é que já não havia mais ninguém para protestar. Vê-se logo, no entanto, minha cara Joana, que este indivíduo não era um universitário nem estava imbuído da sua cultura. Basta aliás verificar como, no tempo de Hitler, os professores universitários alemães foram dos primeiros a protestar contra o novo “estado de coisas”. Convenhamos: o facto de já há muito os quadros universitários estarem totalmente abertos, havendo assim vagas para todas as pessoas, e de o seu pessoal docente adquirir desde muito cedo o vínculo à função pública, ou a denominada nomeação definitiva, contribuíra imenso para que um certo clima de intriga, rivalidade e farisaísmo acabasse por desaparecer inteiramente do seu meio, incentivando pelo contrário o espírito independente e crítico.

Precisamente por causa deste tipo de ambiente, na vida universitária não terás de submeter o teu comportamento a qualquer tipo de calculismo, podendo dizer sempre aquilo que pensas. A tradição democrática que desde há muito enforma a sua vida possibilita ao máximo a vivência dessa liberdade. O medo não tem

espaço propício para criar aí qualquer tipo de raiz. E quanto mais as pessoas sobem na carreira, mais flexíveis, maduras e tolerantes se tornam, como se o maior mérito alcançado ao nível do conhecimento se repercutisse directamente no aperfeiçoamento do seu carácter. É interessante verificar como este comportamento começa a tornar-se visível logo a seguir ao doutoramento, não se tendo de esperar por maior ascensão na carreira para o comprovar. Por isso, sempre foi tida por totalmente exagerada a afirmação de Lacan segundo a qual a vida universitária oscilaria perigosamente entre a subserviência e o descaramento. Nem há necessidade de subserviência nem de descaramento porque, por todo o lado, reina a razoabilidade e a correcção ética. Muito pelo contrário, em séculos passados a universidade estava cheia de pessoas que, se vivessem na altura da II Guerra, seriam condenadas em simultâneo pelos nazis e pela Resistência, por tentarem jogar descaradamente com os dois lados, na busca do melhor negócio, desdobrando-se por “listas de apoio” hipocritamente estratégicas e outras manobras sabujas. Também por isto mesmo, enganar-se-ia redondamente quem quisesse aplicar à vida universitária aquelas palavras de Jorge de Sena: “É impossível discutir seja o que for. / Se se tem razão, ou não tem / É totalmente indiferente: / ou se aceitam as regras do jogo, ou se muda de vida e de lugar”.

A universidade será uma das poucas, ou mesmo a única instituição, em que não terás necessidade de ter medo: nem dos outros, nem do envilecimento de alma a que o ambiente te possa levar. Lembras-te do episódio final da série *Holocausto*? O único sobrevivente da família judaica cuja vida fôramos acompanhando, um jovem, vira-se para a cunhada e pede-lhe que transmita ao filho, seu sobrinho agora órfão, a coragem que a ele próprio lhe salvara a vida: “Ensina-o a não ter medo”. Ora, a universidade é essa instituição exemplar em que não é de facto preciso ter medo. Quando tiveres de te pronunciar sobre uma qualquer situação — em júris, por exemplo, mas também em reuniões de grupo, de departamento, conselhos científicos, etc. —,

não será o cálculo medroso ou hipócrita das tuas palavras e dos teus actos que te moverá, querendo ficar do lado de quem tem mais poder, maior credibilidade científica, ou simplesmente maior capacidade de te vir a prejudicar no futuro, mas sim pura e simplesmente aquilo que achares ser ou não correcto, sem qualquer receio de ficares isolada na tua posição ou de que, por causa dela, busquem denegrir a tua imagem.

É de tal ordem o respeito que a universidade tem pelas pessoas que nunca as leva, por exemplo, a assinar, por sua honra, declarações não inteiramente correctas, só porque parece não haver outro modo de a pessoa interessada receber o dinheiro correspondente a despesas efectivamente realizadas. É que a universidade é a instituição melhor posicionada na sociedade para saber que com a honra não se brinca.

Assim, pode ser que um dia, quando estiveres para entregar a alma ao Criador, o cansaço de toda uma vida a lutar contra o envilecimento da tua própria alma e contra o vírus do mal que te rodeia — Camus chamar-lhe-ia a tua luta contra a *peste* — te leve a dizer, como numa cantata de Bach, *Welt, adieu. Ich bin dein müde* (*Mundo, adeus. Estou cansada/o de ti*). Pode ser. O que nunca acontecerá, pequena Joana, será incluíres a universidade nesse amplo “mundo” de que fala a cantata ou, pior ainda, identificares esse “mundo” com a própria universidade, dizendo *Universität, adieu. Ich bin dein müde* (*Universidade, adeus. Estou cansada de ti*). Isso, garanto-te, nunca acontecerá».

6 de Dezembro

Hoje telefonou-me um antigo mestrando. Quando disse que talvez se separasse da mulher, a minha mesa de trabalho inundou-se de um líquido vermelho, aparentemente sangue. Olhei para as mãos, mas não vi nenhum corte, embora estivessem supostamente a sangrar. Depois do telefonema é que reparei que o sangue vinha de um marcador vermelho em que tinha pegado e que começara então a espalhar a sua tinta de um modo abundante. Mas porque só a perdera naquela